

Imigração brasileira na Europa

Memória, herança, transformação

Organização: Katia de Abreu Chulata

IL SEGNO E LE LETTERE

*Collana del Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio'*

DIREZIONE

Mariaconcetta Costantini

COMITATO SCIENTIFICO

Università 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara

Brigitte Battel - Claudia Casadio - Mariaconcetta Costantini

Mariapia D'Angelo - Persida Lazarević - Maria Rita Leto

Lorella Martinelli - Carlo Martinez - Ugo Perolino

Marcial Rubio Árquez - Anita Trivelli

Atenei esteri

Antonio Azaustre (*Universidad de Santiago de Compostela*)

Claudia Capancioni (*Bishop Grosseteste University, Lincoln*)

Dominique Maingueneau (*Université Sorbonne*)

Snežana Milinković (*University of Belgrade*)

COMITATO EDITORIALE

Mariaconcetta Costantini - Barbara Delli Castelli

Elvira Diana - Luca Stirpe

I volumi pubblicati nella Collana sono stati sottoposti a doppio referaggio anonimo.

ISSN 2283-7140
ISBN 978-88-7916-970-7

Copyright © 2021

LED Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto

Via Cervignano 4 - 20137 Milano

www.lededizioni.com - www.ledonline.it - E-mail: led@lededizioni.com

I diritti di riproduzione, memorizzazione e archiviazione elettronica, pubblicazione con qualsiasi mezzo analogico o digitale (comprese le copie fotostatiche, i supporti digitali e l'inserimento in banche dati) e i diritti di traduzione e di adattamento totale o parziale sono riservati per tutti i paesi.

Le fotocopie per uso personale del lettore possono essere effettuate nei limiti del 15% di ciascun volume/fascicolo di periodico dietro pagamento alla SIAE del compenso previsto dall'art. 68, commi 4 e 5, della legge 22 aprile 1941 n. 633.

Le riproduzioni effettuate per finalità di carattere professionale, economico o commerciale o comunque per uso diverso da quello personale possono essere effettuate a seguito di specifica autorizzazione rilasciata da: AIDRO, Corso di Porta Romana n. 108 - 20122 Milano
E-mail segreteria@aidro.org <mailto:segreteria@aidro.org>
sito web www.aidro.org <http://www.aidro.org/>

Volume pubblicato con il contributo
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara
Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne

In copertina

Collage digitale dell'artista Agnese Purgatorio
della serie *Perhaps You Can Write To Me*, 2009
Courtesy Podbielski Contemporary

Videospagnazione: Paola Mignanego
Stampa: Logo

SUMÁRIO

In limine <i>Carlo Consani</i>	7
Da memória à transformação linguística. Heranças teóricas e linguísticas nos estudos sobre a imigração brasileira na Europa <i>Katia de Abreu Chulata</i>	11
Imigração Brasileira: empréstimos brasileiros ao português europeu. Memória, herança, transformação <i>Ana Bela Pereira Loureiro</i>	25
Reflexões sobre o ensino da variação linguística. O português para alunos brasileiros em Portugal <i>Audria Albuquerque Leal - Noémia Jorge</i>	41
Sujeitos entre-línguas em contextos de imigração. Questões de memória e herança linguística <i>Beatriz Maria Eckert-Hoff</i>	61
Uma opção didática funcionalista para o ensino do francês em contexto brasileiro <i>Fernanda Cristine Guimarães - Vânia Cristina Casseb-Galvão</i>	73
Metodologias ativas em PLE. Gamificação da série brasileira “3%” <i>Filipa Matos</i>	95
Lineamenti genetici della poesia italoфона di origine brasiliana contemporanea <i>Alessandra Mattei</i>	109
O Estatuto do Estudante Internacional. Incentivo ou barreira para os estudantes brasileiros no ensino superior em Portugal? <i>Katielle Silva - Jorge Malheiros</i>	125

Toponímia maranhense: diversidade cultural e linguística <i>Maria Célia Dias de Castro - Gisélia Brito dos Santos</i>	145
Lições do Rio Grande: concepções acerca da gramática <i>Graciele Turchetti de Oliveira Denardi - Lucas Martins Flores</i>	167
“Procuo minha mãe”: o fenômeno da adoção brasileira em Itália. Aspectos sócio-linguísticos <i>Mariagrazia Russo</i>	181
Figuração de personagens femininas em <i>Mamma, son tanto felice</i> <i>Helena Bonito Couto Pereira</i>	191
Sobre pessoas e lugares: as mulheres viajantes de Marina Colasanti <i>Kelio Junior Santana Borges - Giorgio De Marchis</i>	205
Uma anastomose entre os conceitos de autobiográfico e literatura diáspora. O exílio de Caetano Veloso na autobiografia <i>Verdade Tropical</i> <i>Tiago Ramos e Mattos</i>	223
Migração Brasil/Portugal: os brasileiros descobrem Portugal <i>Maria Irene da Fonseca e Sá</i>	241
Escrita traumática em Primo Levi. Experiência, testemunho e representação <i>Romilton Batista de Oliveira - António Bento</i>	257
Olhar inquisidor: a religião do brasileiro em romances portugueses do século XXI <i>Paulo Ricardo Kralik Angelini</i>	275
Noutro Porto 2: a religião como culto artístico <i>Ana Cristina Saladrigas - Elizângela Gonçalves Pinheiro</i>	293
Pertencimento, classe e gênero em narrativas de imigrantes brasileiros/as na Alemanha e em Portugal <i>Glauco Vaz Feijó</i>	313
Autores	331

PERTENCIMENTO, CLASSE E GÊNERO EM NARRATIVAS DE IMIGRANTES BRASILEIROS/AS NA ALEMANHA E EM PORTUGAL ¹

Glauco Vaz Feijó

DOI: <https://dx.doi.org/10.7359/969-2021-feij>

ABSTRACT

This article is built on the interpretation of four narratives of Brazilian immigrants generated by interviews carried out in two different migration contexts: one narrative emerges from an interview with a female Brazilian immigrant in Germany, and the other three from interviews with two males and with a female Brazilian immigrant in Portugal. Although the four narratives are based on discursive elements of a shared cultural memory, the processes of identity narrated by these migrants are shaped to the specific migratory contexts. Moreover, the identity processes are constructed by the communicative memory which draws its elements from both the shared cultural memory and the context in which it is narrated, activating and transforming the cultural memory at the same time.

Keywords: Brazil; Germany; immigrants; narratives.

1. INTRODUÇÃO

Sobre brasileiros e brasileiras vivendo na Europa, há uma predominância de estudos que tornam mais conhecida a imigração para Portugal e as histórias de imigração de pessoas que reconstróem suas vidas e identidades nesse país. Embora haja para outros países europeus estudos relevantes sobre as populações brasileiras, estes são poucos, deixando uma lacuna de investigação a ser coberta. É o caso dos estudos sobre a população brasileira na

¹ Versão anterior publicada em Feijó 2015.

Alemanha. Numericamente o quarto maior contingente na Europa, os/as brasileiros/as na Alemanha são pouco conhecidos/as. Dentro desse campo de investigação restrito, apresento aqui alguns resultados de uma pesquisa maior, na qual trabalhei com a interpretação de narrativas de trajetórias de vida de brasileiros e brasileiras na Alemanha e em Portugal.

Ao trabalhar com contextos migratórios em dois países que desempenham papéis antagônicos nas narrativas mestras de construção de uma identidade brasileira discursivamente hegemônica, pude perceber tanto elementos discursivos vinculados a uma memória cultural sobre a qual identidades e alteridades são (re)construídas, quanto elementos narrativos acionados pela memória comunicativa com os quais se (re)constroem essas identidades e se alteram os discursos e a própria memória cultural que os embasa².

2. NA ALEMANHA: QUESTÕES DE PERTENCIMENTO NACIONAL

Os primeiros meses de Gabriela como imigrante na Alemanha foram marcados pelas descobertas das diferenças de costumes e comportamentos, pelas dificuldades com a língua e pelas tentativas de integração à nova cultura, apropriando-se de comportamentos e valores locais positivamente avaliados. Apesar do sucesso na integração e dos amigos feitos, após quase quatro anos na Alemanha, ela ainda se sentia insegura quanto ao domínio dos códigos culturais locais. Além disso, considerava que pessoas desconhecidas eram rudes com elas em situações corriqueiras, o que teria se transformado em um grande problema.

Gabriela enfrenta as tensões entre os aspectos positivos e negativos de suas experiências como imigrante ressaltando os primeiros, mas os aspectos negativos não deixam de incomodá-la. Uma alegada aproximação com a Alemanha, que teriam impedido um “choque de cem por cento” no início, desaparece ao longo da narrativa de Gabriela e ganha destaque o estranhamento com o novo mundo, com hábitos cotidianos e, sobretudo, com a língua, exatamente com os elementos de proximidade mencionados no início de sua narrativa.

As tensões que marcam processos identitários de brasileiros/as vivendo no exterior se tornam centrais no clímax e no desfecho da narrativa de Gabriela. Para sujeitos informados por um discurso de identidade nacional que se fundamenta em características de plasticidade, tolerância, abertura ao

² Assmann 2010.

outro e vários outros predicados associados à miscigenação, sobre a qual se funda o discurso hegemônico de identidade brasileira, a reconstrução identitária marcada pela experiência da imigração pode, em um extremo possível, levar ao paradoxo que marca as tensões presentes na narrativa de Gabriela.

Se somos marcados pela plasticidade, se é essa nossa característica irremediável, em uma análise lógica, no processo migratório, poderíamos tender a nos moldar à sociedade de acolhimento, deixando de ser brasileiros/as e, dependendo de como é vista a sociedade de acolhimento, deixando de ser flexíveis. É claro que isso não ocorre como em um silogismo assim tão simples, e, justamente porque isso não ocorre, começam a nos incomodar as ambiguidades de nossos próprios discursos identitários. Embora identidades sejam sempre ambíguas, há sempre um esforço para apresentá-las como coerentes, esforço muitas vezes construído narrativamente.

A primeira ação narrada por Gabriela para enfrentamento de suas tensões e conflitos se aproxima do que Bhabha definiu como mímica (*mimikry*)³, como uma tentativa de se comportar como o outro, um projeto que pode não ser plenamente aceito por esse outro. A estratégia da mímica está presente no início da narrativa de Gabriela, quando ela procura se adequar aos padrões de comportamento da sociedade de acolhimento e chega a se sentir “meio alemã”. Conforme Bhabha, “o discurso da mímica é construído em torno de uma ambivalência, para ser eficaz, a mímica deve produzir continuamente seu deslizamento, seu excesso, sua diferença”⁴. Os deslocamentos de sentido acionados na mímica, que se sustenta nas incertezas e ambivalências que emolduram o conflito da narrativa de Gabriela, vão se chocar com o projeto dramático de conciliação e mimetismo construído pela narradora e não verão seu potencial ameaçador ser realizado. O projeto de Gabriela será ele próprio então deslocado da mímica para outra estratégia de manejo das tensões e ambivalências em sua narração.

Deixar de ser brasileira e reconstruir uma nova identidade estrategicamente mimética se encaixa, a princípio, com o discurso de uma identidade brasileira fundada na plasticidade. Contudo, a miscigenação inscrita na memória cultural brasileira passa antes por um imaginário em que identidades se encontram e se perpetuam ao se miscigenarem, do que pela assimilação de um elemento pelo outro ou pelo enfrentamento. A miscigenação inscrita em nosso imaginário comum é antes conciliadora que revolucionária. Assim, a plasticidade inscrita no discurso de uma identidade brasileira e acionada na vontade de integração de nossa narradora não pode

³ Bhabha 1998.

⁴ Ivi, 130.

ser bem-sucedida com a mímica, pois a mímica implica em transformar-se no outro e, ao mesmo tempo, contra o outro, não em transformar-se com o outro. Deixar de ser completamente brasileira não conduz a protagonista à apaziguação de conflitos com os antagonistas que serão construídos no restante de sua narrativa, nem a leva a assunção positiva desses enfrentamentos. É a busca de equilíbrio, e não a transformação no outro e contra o outro, que marca as estratégias acionadas para a tentativa de resolução dos conflitos da narrativa de Gabriela.

Contudo, em meio à busca do equilíbrio, uma crise de pânico vivenciada pela narradora após dois anos na Alemanha a leva à assunção dos conflitos e evidenciam a tensão dos processos de reconstrução identitária acionados. Protagonistas e antagonistas surgem nomeadamente e passam a conduzir as ações empreendidas. A personagem coletiva “os alemães” assume claramente o papel de antagonismo, de “pessoas estão só se brigando, que o jeito do alemão de ser”⁵. Direta e imediatamente confrontados com a personagem antagonista “os alemães”, surgem os protagonistas representados pela personagem coletiva “os brasileiros”: “Brasileiro é sentimental, a gente não fala na cara das pessoas as coisas. E eles falam. É um jeito tão estúpido de tratar as pessoas”⁶.

Insistindo na busca do equilíbrio, a narradora divide parcialmente com “os brasileiros” o protagonismo da história na medida em que se identifica com eles, mas assume a centralidade no protagonismo na medida em que os supera em seus próprios termos, posicionando-se em um “entre-lugar” entre “os brasileiros” e o antagonista “os alemães”, absorvendo do antagonista hábitos julgados bons, mas mantendo traços de caráter positivos de sua “identidade originária”. Essa mudança de estratégia marca a passagem da “mímica” para o que passo a chamar de “equilíbrio de antagonismos”, em clara alusão à obra de Gilberto Freyre, ou melhor, ao trabalho de alguns de seus intérpretes⁷.

Em algumas passagens, a narradora se afasta da serenidade e abertura com que foi imaginada a sua personalidade e se aproxima perigosamente da raiva, sentimento que sempre a conduz de volta à busca de caminhos identitários que consigam afastá-la da polarização e do confronto. Em alguns desses movimentos de busca do “equilíbrio de antagonismos”, Gabriela se distancia também da personagem coletiva “os brasileiros”, assumindo

⁵ Excerto de entrevista realizada com uma imigrante brasileira na Alemanha, cujo nome fictício aqui adotado é Gabriela.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Araújo 1994; Vianna 2000.

características de personalidade e não apenas de hábitos da personagem coletiva “os alemães”, os antagonistas são nesses momentos positivamente avaliados em contraste com “os brasileiros”, grupo ao qual a narradora já também não pertence confortavelmente.

A narradora não é rude como “os alemães”, mas sim sentimental como “os brasileiros”. Contudo não é mais fútil como “os brasileiros”, pois aprendeu a se preocupar com “coisas mais importantes” como “os alemães”. É em meio a esses “processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais”⁸, que Gabriela tem que encontrar a coerência necessária para a reconstrução identitária marcada pelo “equilíbrio de antagonismos”.

A resolução das tensões narradas toma então o caminho da instabilidade e do incômodo que vai perseguir a narradora. Cabe lembrar com Araújo⁹ que o equilíbrio de antagonismo inscrito em nossa memória cultural pela interpretação freyreana da formação da sociedade brasileira leva a uma situação “sincrética, mas nunca sintética”, leva a um “‘luxo de antagonismos’ que embora equilibrados, aproximados, recusam-se a se fundir em uma nova identidade, separada, indivisível e original”. O equilíbrio de antagonismo é, pois, sempre instável e, para nossa narradora, incômodo.

A construção do instável equilíbrio de antagonismos é alcançada por movimentos de afastamento e de aproximação às posições antagonônicas. Em alguns desses movimentos, a personagem antagonista “os alemães” é reconstruída em termos positivos. Recorrendo também a estereótipos, no caso o da racionalidade e do acúmulo de conhecimentos julgados positivos, a protagonista se aproxima da personagem antagonônica ao adquirir essas competências, algo que, ao permitir a aproximação não mimética a seu antagonista, permite também o afastamento da personagem coletiva “os brasileiros”, sem que seja necessário negar o pertencimento, ainda que modificado, a essa identidade coletiva.

Contudo, o equilíbrio de antagonismos é um equilíbrio instável, recitante, e as tensões e conflitos voltam a dominar a narrativa de Gabriel quando ela se aproxima de seu desfecho. Qual solução poderá dar a narradora ao seu equilíbrio de antagonismo após um distanciamento tão grande da personagem antagonista quando afirma, próximo ao desfecho, que “os alemães são maus, eles não gostam de pessoas, brasileiro gosta de pessoas, o brasileiro é feliz”¹⁰?

⁸ Bhabha 1998, 20.

⁹ Araújo 2009, 201; grifos do autor.

¹⁰ Excerto de entrevista realizada com uma imigrante brasileira na Alemanha, cujo nome fictício aqui adotado é Gabriela.

O antagonismo é construído sobre estereótipos de identidades e comportamentos vinculados a pertencimentos nacionais. Os alemães são estúpidos, os brasileiros felizes; os alemães não gostam de pessoas, os brasileiros sim; os alemães não são generosos, os brasileiros sim. Essas representações estereotipadas e sua generalização incomodam a narradora ao ponto de levá-la à crise de pânico e à busca de uma resolução que passa por processos de reconstrução identitárias que rearticulam elementos discursivos da memória cultural, mas não rompem com esta. O sujeito constituído na experiência é também interpelado pelo discurso, e precisa retrabalhá-lo por meio da memória comunicativa na busca do ponto para a resolução provisória das tensões e da volta ao “instável equilíbrio” com o qual a narradora encerra sua narrativa de composição aberta, como são abertos também os equilíbrios de antagonismo.

Mesmo que constantemente interpelada pelo discurso, pelos estereótipos encravados na memória cultural e reafirmados pela experiência que a constitui como sujeito, a narradora busca também na experiência narrada o equilíbrio de antagonismos, busca a solução para as tensões inerentes a um processo de reconstrução identitária fundado na marcação das diferenças. Em um movimento surpreendente na narrativa, Gabriela aciona na conclusão um elemento até então oculto e que entra na narrativa repentinamente e sem a preocupação com as incoerências que surgem dessa estratégia.

A narradora, que morou primeiro no lado ocidental da Alemanha e depois se mudou para o lado oriental, aciona, em sua volta ao equilíbrio instável, elementos de uma memória comunicativa alemã que diferencia os alemães entre alemães ocidentais e alemães orientais, estes mais abertos e simpáticos. Não importa aqui que tanto as situações de conflito narradas quanto a crise de pânico tenham ocorrido na Alemanha Oriental, esse é o caminho que a narradora toma para se reencontrar com a identidade que constrói desde o primeiro episódio da narrativa, uma identidade forjada no entre-lugar entre o sentimentalismo, a felicidade e a cordialidade do brasileiro e o estoicismo, a razão e, por fim, também a simpatia dos alemães, mesmo que simpáticos sejam apenas os alemães orientais.

3. EM PORTUGAL: QUESTÕES DE CLASSE E GÊNERO

O impacto do número de brasileiros e brasileiras vivendo em Portugal traz os holofotes das mídias, da academia e os olhos dos/as nativos/as para essas pessoas, entendidas muitas vezes como um grupo, uma comunidade, uma

“vaga”, ou uma invasão. Se, por um lado, mídias e olhares nativos cotidianos podem tender a representações homogeneizadoras da população brasileira, por outro lado, algumas reflexões acadêmicas tentam mostrar a diversidade da imigração brasileira em Portugal, mesmo que, em alguns casos, a tentem enquadrar em outras gavetas.

Tais representações coletivas não são construídas só pelos olhares nativos, elas se reproduzem e se reelaboram também entre brasileiros/as, fundadas em elementos discursivos vinculados a uma memória cultural que vai junto na bagagem. Essas representações também não servem só para agrupar e generalizar. Se sob os olhares nativos a generalização ganha relevo nas representações sobre brasileiros/as, entre a população brasileira, elas servem também para dividir.

Diferenças e conflitos entre brasileiros/as e portugueses/as, para além da esperada comparação entre brasileiros/as e portugueses/as, são traços presentes nas entrevistas que servem de fonte para esse artigo, em algumas delas são os traços determinantes. Dos processos identitários desenvolvidos no contraste, em ambivalentes movimentos de aproximação e afastamento de um outro que muda a cada instante, cabe destacar dois eixos principais: o primeiro entre brasileiros/as e portugueses/as, nos quais se manifestam além das questões de pertencimento nacional, as questões de raça e de gênero de forma imediatamente relacionada à nacionalidade; e o segundo entre brasileiros/as e portugueses/as, nos quais, por um lado, a classe social desempenha um papel essencial nas estratégias de posicionamento na nova sociedade, promovendo uma “escala de imigração” na qual alguns brasileiros/as são “mais imigrantes” que outros/as, e, por outro lado, a identidade nacional promove a percepção das semelhanças acima das classes, quando se opera o contraste com os/as portugueses/as.

Tomo aqui duas narrativas de imigrantes brasileiros, pertencentes à classe média, que são claramente construídas tanto sobre as diferenças e semelhanças internas à população brasileira em Portugal, quanto sobre as diferenças e semelhanças entre essa população e a população nativa. É a partir dessas diferenças e semelhanças que Elton e Fabrício reconstróem suas identidades ao narrarem suas experiências na imigração. Ambos iniciam suas narrativas com uma reflexão sobre o próprio ato da entrevista, considerado como “curioso”. Para Fabrício, tratava-se de uma oportunidade para fazer um balanço dos dez anos em Portugal, enquanto para Elton era curioso o fato de que narrar as experiências da imigração torna-se uma atividade rotineira, pois todos que chegam “querem saber” e narrar passa a fazer parte da vida do imigrante. Elton não se vê, contudo, como um imigrante. Para ele:

É engraçado, porque eu nunca me senti como um imigrante aqui. Eu vim... Eu tenho cidadania portuguesa, tenho bolsa portuguesa, mas ao mesmo tempo eu... No início eu tentei me aproximar do que é considerado um imigrante, eu acho que o imigrante é aquele que se desloca economicamente, pois na minha cabeça acabou ficando isso, e a aproximação como o grupo migrante, quer dizer, com o pessoal que não veio pra estudar, mas veio pra trabalhar, é mais difícil. Ela se dá até no espaço público, às vezes, ou uma amizade ou outra acaba traçando no comércio ou na noite, num local que toca música brasileira, mas na vida íntima é muito difícil essa aproximação.¹¹

É a partir dessa posição e dessa representação de “imigrante” que Elton (re)constrói sua identidade vinculada ao pertencimento a um determinado grupo de brasileiros/as em Portugal, delineado a partir do pertencimento de classe. Mesmo que em uma leitura apressada a “cidadania portuguesa” possa parecer o traço diacrítico que embasa a narrativa de Elton, ela se torna um detalhe na (re)construção identitária. Embora oficialmente Elton não seja um “estrangeiro”, não é isso que o torna simbolicamente um não-imigrante, mas sim o seu pertencimento de classe, o que vai ser ressaltado em toda a entrevista, como também será ressaltado o seu lugar de pertencimento junto a outros/as brasileiros/as com perfil social semelhante ao seu, e não junto a outros/as portugueses/as seus/suas concidadãos/ãs. Isso é bastante claro para Elton, tanto em relação aos recortes dentro da população brasileira, quanto em relação aos afastamentos entre brasileiros e portugueses. Elton avalia que:

O que eu percebo aqui em Portugal, pelo menos na comunidade brasileira, é que há uma cisão entre pessoas que vêm pra estudar e as pessoas que vêm pra trabalhar. Claro, entre os estudantes tem gente que trabalha [...], mas eles também... eu vejo que eles não se misturam muito com os que só trabalham, que têm uma escolaridade menor. Então tem uma divisão escolar, isso chama bastante a atenção.¹²

Já sobre o afastamento entre brasileiros/as e portugueses/as:

Há uma busca, pelo menos no início, eu vejo a maioria dos brasileiros em uma busca de aproximação e de, de, de uma forma mais íntima e, e grande parte dos portugueses bota uma barreira em cima disso, ou porque há um estranhamento mesmo, né? Acho que a gente tem uma forma de se portar diferente deles.¹³

¹¹ Excerto de entrevista realizada com um imigrante brasileiro em Portugal, cujo nome fictício aqui adotado é Elton.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*.

Brasileiros/as, com ou sem cidadania portuguesa, imigrantes ou “não-imigrantes”, não conseguem, para Elton, inserção entre portugueses/as, o que pode ser frustrante, como tem sido para Elton e também para Fabrício, que chega a se considerar já meio português, ainda que não conte entre suas inúmeras namoradas com nenhuma portuguesa e que nunca tenha jantado à mesa com uma família portuguesa.

As estratégias de pertencimento desses brasileiros que não são tão bem acolhidos na sociedade portuguesa como imaginavam passam então pela aproximação com brasileiros/as aos/às quais se sentem próximos, notadamente por marcadores de classe. Divisões trazidas do Brasil são reproduzidas e simbolicamente reforçadas em Portugal ao serem objeto de reflexão constante da memória comunicativa usada na (re)elaboração de identidades migrantes. Isso ainda é vivido por Elton após três anos de imigração:

No começo eu tive muito poucas amizades portuguesas, aliás nenhuma [...]. Só de um ano pra cá eu tenho conseguido essas amizades, eu tenho furado esse bloqueio [...]. Mas mesmo assim eu tenho uma relação, uma relação muito mais dentro da comunidade brasileira de estudantes que fazem mestrado e doutorado do que os outros. E... aí os portugueses que eu tenho relação acabam se acoplado a essas comunidades, eu não consigo me acoplar às relações deles em si.¹⁴

Mesmo quando Elton consegue “furar o bloqueio”, isso se dá de forma incompleta, por meio de portugueses/as de alguma forma também deslocados da representação de pertencimento a um círculo “realmente” português de relações sociais: “E é interessante que os portugueses que eu tenho relação são aqueles que de alguma forma tiveram uma relação anterior com estrangeiro já, com estrangeiro lusófono”¹⁵.

Os pontos de apoio da memória cultural acionados narrativamente por Elton são muito semelhantes aos usados por Fabrício, tanto nos sentidos das diferenças entre brasileiros/as e entre brasileiros/as e portugueses/as, quanto no sentido das semelhanças, estas quase ausentes na narrativa de Elton.

A narrativa de Fabrício se constrói sobre esses afastamentos e aproximações internos e externos que guiam a interpretação aqui pretendida. Para Fabrício:

Há vários Brasis aqui em Lisboa, sabe, somos todos brasileiros, mas... é uma continuação de lá, meu, quem era, vamos dizer, do povo lá, é do povo aqui e, se você lá se sentia separado do que é do povo, isso também vai se manter aqui; isso se reflete até na, na, na... nos lugares que você frequenta, nas pessoas

¹⁴ *Ibidem.*

¹⁵ *Ibidem.*

que você vai conhecer, no seu círculo de amizades, numa série de coisas [...]. Você vê isso aqui bem... a elite brasileira ou esse, esse, esse pessoal que tem um nível sociocultural diferenciado, que já fala um inglês, um espanhol, eles conseguem estabelecer outras relações.¹⁶

A representação identitária construída por Fabrício se baseia fundamentalmente no recorte de classe claramente formulado entre a população brasileira em Lisboa, recorte que, para Fabrício, é uma transposição do que já ocorria no Brasil. Há, contudo, rearranjos no contexto imigratório, e a experiência de Fabrício é também exemplar para revelar isso. Nas ambiguidades de sua narrativa se deixam perceber dois movimentos ambivalentes de ascensão e descenso social.

Fabrício sai do Brasil com nível superior incompleto, trabalhando muito e ganhando mal, com pertencimento declarado “ao que se poderia chamar classe média”, inicialmente para ganhar dinheiro em Portugal e voltar a sua cidade natal, enquadrando-se então no perfil da “segunda vaga de imigração”¹⁷. É um “imigrante”, nos termos colocados por Elton, passando inclusive por um período de três anos de situação irregular de migração, tendo alcançado a regularização apenas após processo extraordinário promovido por acordo bilateral em 2003, durante o primeiro governo Lula.

Em Portugal, Fabrício consegue concluir seu curso superior e, usando das ferramentas que a vida de filho de classe média lhe proporcionara no Brasil, passa narrativamente a fazer parte da “elite brasileira” em Lisboa, do que ele mesmo chama de “brasilidade diferenciada”, simbolicamente representada pelo *habitus* e pelo gosto de classe¹⁸ e materialmente representada nas relações sociais conquistadas e em melhores postos de trabalho em Portugal:

O bar nosso lá era um ponto de encontro mesmo [...] era um ponto de encontro dessa brasilidade, mas dessa brasilidade, vamos dizer, diferenciada... você sabe o que eu tô dizendo [...]. Esse bar que a gente trabalhou era onde se reunia esse brasileiro que não curte o que eu não curtia no Brasil: o sertanejo, o pagode, o samba, o fo..., o... sabe, era uma... [...] então, são diferenciadores, cara; tem muita coisa que, que determina como é a sua vida aqui, quem você é, o círculo que você se inseriu, é o teu nível sociocultural... isso é muito determinante mesmo.¹⁹

¹⁶ Excerto de entrevista realizada com um imigrante brasileiro em Portugal, cujo nome fictício aqui adotado é Fabrício.

¹⁷ Cf. Machado 2006; Malheiros 2007.

¹⁸ Cf. Bourdieu 1989; 2007.

¹⁹ Excerto de entrevista realizada com um imigrante brasileiro em Portugal, cujo nome fictício aqui adotado é Fabrício.

Contudo, embora a representação narrativa de uma “brasilidade diferenciada” em Lisboa permita a Fabrício uma “ascensão social” em sua (re)construção identitária, ou ao menos uma negação do estereótipo de “pobre imigrante pobre”, sua adscrição é feita a uma “elite imigrante”, uma “elite para si”, composta também por membros da classe média no Brasil e não suficiente para garantir a ascensão de seus membros a uma “elite em si” capaz de romper as barreiras de integração na sociedade nativa. Assim é que, sobre sua inserção na sociedade nativa, ele nos conta que:

Eu me fechei, eu tive que construir um muro, digamos que eu passei a esperar o pior dos portugueses, e isso influencia o que eu sou hoje, cara... eu tô aqui há dez anos, mas... eu vivo aqui, mas eu não tô entrosado aqui; todos os amigos que eu tenho aqui são brasileiros ou são estrangeiros que vivem em Lisboa – que são muitos: aqui tem gente de todo o mundo –, mas eu não posso te dizer que tenho amigos portugueses.²⁰

A não inserção de Fabrício no seio da sociedade nativa não é narrada como uma característica do processo migratório, mas como uma eventualidade, como um azar nos primeiros contatos com portugueses, marcados por violências e desentendimentos. Mesmo não pertencendo, o narrador é capaz de se sentir já um pouco português e tem como projeto identitário a aproximação com membros da sociedade de acolhimento em um movimento que, em sua narrativa, depende exclusivamente de sua mudança de atitude, mudança que já começa a ocorrer, pois Fabrício vai ficando em Portugal, essa é sua “opção de vida”, enquanto os que vieram para ganhar dinheiro, esses já estariam indo embora.

A imigração qualificada, sobretudo a imigração com propósitos de formação científico-acadêmica é recorrentemente descrita nas narrativas como uma não-imigração. Pode-se, claro, argumentar que a característica que permite aos sujeitos que a experienciam assim descrevê-la é a temporalidade que, a princípio a caracterizaria. Contra-argumento, contudo, que, se essa fosse a característica determinante para as construções narrativas que diferenciam entre “imigrantes” e “não-imigrantes”, essas construções não deveriam marcar a narrativa de brasileiros/as como Elton, doutorando em Lisboa, mas com a intenção manifesta de permanecer em Portugal após o doutorado, por tempo indeterminado. De outra perspectiva, se o projeto pessoal de permanecer por dois ou três anos e retornar exercesse o papel central na construção narrativa de diferença entre “imigrantes” e “não-imigrantes” entre os/as brasileiros/as, em muitas outras narrativas deveria apa-

²⁰ *Ibidem.*

recer o fato de ter-se tornado imigrante apenas após perceber que os planos de retorno deveriam ser constantemente adiados. Ainda complementarmente, se o tempo de permanência fosse critério para a diferenciação, Fabrício talvez não se descrevesse com características de um “não-imigrante”. O que marca de forma mais forte e determinante a distinção não é o tempo que se pretende ficar nem o tempo que de fato se fica, mas sim a atribuição de pertencimento de classe, que se vincula ao exercício do trabalho não qualificado e ao projeto de ganhar dinheiro.

Em uma população imigrante que pode ser homogeneizada pelo olhar externo segundo estereótipos vinculados à nacionalidade brasileira, reforçados no contexto migratório em Portugal pelo lusotropicalismo como elemento de uma memória cultural parcialmente compartilhada²¹, os recortes de classe expressos em capital cultural por meio de *habitus*, gosto ou formação intelectual podem ser um caminho de negação tanto dos estereótipos negativos associados à representação discursiva do imigrante, quanto, no caso de brasileiros/as, dos estereótipos que vinculam estes nacionais a um comportamento afetivo às vezes exagerado, em detrimento de competências racionais e do desenvolvimento intelectual.

Os recortes de classe a dividir brasileiros/as em Portugal são expressos narrativamente antes por marcadores simbólico-culturais do que por bens materiais. Contudo, os marcadores simbólicos se sustentam claramente nas relações materiais de trabalho, pois, como vimos, imigrante é quem vai para Portugal em busca de trabalho e de melhores condições de vida; é, portanto, o/a trabalhador/a. Não-imigrante é o que vai para Portugal cultivar o espírito, seja academicamente, ou por meio de seu novo “estilo de vida”, por sua competência social para “gozar a Europa”. Por meio destes recortes, brasileiros/as de classe média, que não mais encontram bons empregos, como ocorria no início do fluxo migratório contemporâneo do Brasil para Portugal, tentam, narrativamente, se afastar dos estereótipos de pobreza vinculados à imigração em larga escala e de alguns estereótipos da nacionalidade brasileira, embora aqui operem também com a ambivalência dos estereótipos, acionados ou incorporados quando se apresentam como vantajosos.

Na interseccionalidade com classe e raça – esta última quase nunca explicitamente manifesta nas narrativas colhidas, mas sempre presente no imaginário lusotropicalista, cujo elemento discursivo central é a miscigenação –, o gênero desempenha um papel extremamente relevante nas narrativas de identidade das colaboradoras mulheres, que se deparam com a “marca

²¹ Cf. Castelo 1998; Almeida 2000; Almeida 2007.

da prostituição” associada à imigração brasileira em Portugal, reforçada pela mídia e vinculada à nacionalidade brasileira por meio de elementos discursivos que compõe o lusotropicalismo, ainda bastante vivo nas construções identitárias portuguesas, fortemente vinculadas a uma imagem do “Brasil construído por Portugal”²². É dentro desse campo discursivo, no qual atuam também imaginários e estereótipos de raça e de classe trazidos na bagagem, que brasileiras se movem ao terem de se resolver com os assédios e representações fortemente marcadas pelo corpo e por um suposto comportamento aberto que as caracterizaria tanto culturalmente quanto racialmente. Conforme Padilla, Fernandes e Gomes, “lidar com os estereótipos, muitas vezes afastando-se deles, outras vezes aproximando-se ou utilizando-se deles, faz parte da experiência migratória dessas mulheres”²³, faz parte, então, também de seus processos de (re)construção de identidades. Como se trata de processos de identificação, essas mesmas mulheres não apenas sofrem com os estereótipos, mas agem com eles, ou contra eles, reforçando-os ou subvertendo-os em suas estratégias de (re)construção de identidades.

Joana, por exemplo, que, por chegar a Portugal com visto de estudante, afasta-se no início de sua narrativa do perfil da maioria dos/as imigrantes brasileiros/as que vão a Lisboa em busca de trabalho, tem de resolver em sua narrativa as representações de gênero que lhe são discursivamente associadas, delas se afastando com um longo episódio de sua narrativa:

Aqui tem muito preconceito com brasileira, com brasileira, o sexo feminino. Porque, quando eu cheguei aqui, e foi até uma situação curiosa [...], eu estava na fila pra fazer o passe do comboio e teve um senhor que veio falar com, não me viu de lado nenhum, veio conversar comigo e eu percebi que o jeito dele falar era como se ele tivesse tirando ousadia. E eu respondi o que ele tinha perguntado, já não me lembro o quê. E ele veio começar a me alisar e eu dei um escândalo na fila. Aí ele ficou acuado e saiu. Eu na hora fiquei chocada, como é que uma pessoa que nem me viu, não me conhece? Eu não estava..., eu cheguei no inverno, eu não estava, como é que se diz?, com roupas muito, não é? Muito pelo contrário, casaco, luva, gorro, tudo o que eu podia, pra não sentir frio, mas ele, é, é... me ouviu conversar com a minha amiga, nós falando, pronto, brasileiro, que percebe-se, ainda mais há, há seis anos atrás, e ele teve esse comportamento. Na hora eu não entendi, mas depois, quando nós chegamos em casa, o senhor, é..., um amigo do pai da minha amiga, ele é brasileiro, mas já vive aqui em Portugal há um bom tempo e ele explicou que o início, o iní... ah..., vamos dizer assim, as brasileiras, o início da migração mesmo assim, é, essas brasileiras que vinham eram pessoas que iam trabalhar

²² *Ibidem*.

²³ Padilla - Fernandes - Gomes 2010, 113.

como... garotas de programa. Dizia que eram massagistas, mas era como garotas de programa. Então muitos portugueses, é... usufruíam dos serviços delas e já ficava difícil distinguir quem era garota de programa ou não. Se uma boa massa veio pra isso, não é? Não veio pra isso, mas chegava aqui e começava a trabalhar isso, porque era o dinheiro mais fácil de se ganhar.²⁴

Ao culpar mulheres pela violência por que passou, Joana apaga o papel de agressor do homem que a atacou, desculpabiliza o opressor e reforça narrativamente os estereótipos que em seu próprio benefício deveria, teoricamente, contribuir para enfraquecer. Além disso, Joana, ao reproduzir sem problematizar as explicações que lhe foram dadas por um homem brasileiro, reforça os estereótipos de gênero que geram violências contra brasileiras em Portugal, pois:

Ao explicar a existência de estereótipos sobre a mulher brasileira ligada a prostituição através da real existência de muitas brasileiras no mercado sexual em Portugal [...] ignora todo o mecanismo complexo de relações saber-poder que constroem estereótipos e imaginários sociais.²⁵

Contudo, como nos alertam várias pesquisadoras que se dedicam a interpretar e compreender as (re)construções de gênero no contexto da imigração brasileira para Portugal²⁶, as representações construídas pelas imigrantes brasileiras passam por estratégias diversas que, ainda que não revertam os estereótipos, podem percebê-los de maneira distinta, algumas vezes subvertendo seus usos de forma favorável a sua inserção na sociedade acolhedora, revelando o que Bhabha chama de ambivalência do estereótipo, “evidenciando a diversidade de formas como as brasileiras ora reproduzem a imagem como um reflexo de autoafirmação, ora percebem essa imagem como violência e preconceito”²⁷.

Ademais das afirmações de identidades feitas a partir de recortes operados dentro do próprio grupo “população brasileira em Portugal”, as (re)construções identitárias dos sujeitos desse grupo, além de ambivalentes, são multifacetadas e se dão também a partir das relações de identidade e diferença com a população nativa, com portugueses e portuguesas. Marcadas também por afastamentos e aproximações, as identidades brasileiras (re)construídas no “jogo de espelhos” com identidades portuguesas,

²⁴ Excerto de entrevista realizada com uma imigrante brasileira em Portugal, cujo nome fictício aqui adotado é Joana.

²⁵ Gomes 2011, 11.

²⁶ Pontes 2006; Padilla 2010; Gomes 2011.

²⁷ Padilla - Fernandes - Gomes 2010, 118.

também narrativamente construídas, se fundam em seus dois movimentos, afastamento e aproximação, em elementos de uma memória cultural compartilhada devido ao passado colonial e reinventada no contexto das migrações internacionais contemporâneas – no qual a população brasileira representa um quarto da significativa população estrangeira em Portugal – e também no contexto da reformulação discursiva do lusotropicalismo após o fim do império Português e da inserção de Portugal como parceiro menor no bloco europeu. Em sentidos e intensidades diversas e contraditórias, a menção a diferenças ou identidades entre brasileiros/as e portugueses/as está presente em todas as narrativas colhidas em Portugal, mas essas identificações por processos de alteridades são já mais conhecidas e, mesmo considerando importante mencioná-las, deixo-as de lado nesse breve artigo.

4. IMIGRAÇÃO, PERTENCIMENTO NACIONAL, CLASSE E GÊNERO

Segundo Rezende:

Se há um imaginário acerca do que significa ser brasileiro, ele é manipulado com alguma variação pelas pessoas, que constroem assim um sentido de pertencimento à nação de modo não tipificado, com características individuais.²⁸

Ao tentar concluir esse artigo sob essa perspectiva, colocando lado a lado as entrevistas concedidas por imigrantes em Portugal e na Alemanha, posso realçar que, se, por um lado, os processos de (re)construções identitárias desses imigrantes se fundam em elementos discursivos de uma memória cultural compartilhada, por outro lado, eles se moldam a contextos migratórios específicos e são construídos narrativamente pela memória comunicativa que retira seus elementos tanto da memória cultural compartilhada quanto do contexto em que é narrada, ao mesmo tempo acionando e transformando a memória cultural.

Na Alemanha a diferença entre “nós” e “eles” é mais unívoca nas representações acionadas nas narrativas, o que permite que o pertencimento nacional e sua descrição a partir de estereótipos ancorados na cultura e na história sejam assumidos como a fronteira que nos separa e identifica. As estratégias de aproximação, quando acionadas, são narradas como estratégias individuais entre “eu” e “eles”, entre a brasileira que incorpora

²⁸ Rezende 2009, 76.

hábitos e valores alemães, a aproximação não é nunca realizada entre os dois grupos como um todo. Em Portugal, em um contexto de relações decoloniais e frente ao peso expressivo da população brasileira na paisagem cultural contemporânea, as ambivalências entre alteridade e identidade são mais complexas. Aproximações são majoritariamente movimentos coletivos entre “nós” e “eles”. Aqui os dois grupos não são representados como grupos apenas pelas diferenças, mas também pela identidade. Quando se representam semelhanças, estas não são apenas entre o/a narrador/a que se tornou semelhante aos/as portugueses/as, elas são semelhanças que unem brasileiros/as e portugueses/as em uma identidade compartilhada, ressalvadas as diferenças. Nos movimentos de alteridade, as diferenças internas à população brasileira assumem um peso central nos processos de identificação interpretados. Diferenças abertamente marcadas pela classe e pelo gênero ganham uma centralidade que não possuem nas narrativas selecionadas para a Alemanha, não que elas não existam além-Reno, apenas não exercem aí peso equivalente ao papel da alteridade alemã na (re)construção de identidades brasileiras, como ocorre em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida 2000 M.V. de Almeida, *Um mar cor da terra. “Raça”, cultura e política da identidade*, Oeiras, Celta, 2000.
- Almeida 2007 M.V. de Almeida, “O Atlântico pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso lusófono”, in M.V. de Almeida - C. Bastos - B. Feldman-Bianco (Orgs.), *Trânsitos coloniais. Diálogos críticos Luso-Brasileiros*, Campinas - São Paulo, Editora da Unicamp, 2007, 27-43.
- Araújo 1994 R.B. Araújo, *Guerra e Paz. Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 50*, São Paulo, Editora 34, 1994.
- Araújo 2009 R.B. Araújo, “Chuvas de verão. ‘Antagonismos em equilíbrio’ em Casa-Grande & Senzala de Gilberto Freyre”, in A. Botelho - L. Schwarcz (Orgs.), *Um enigma chamado Brasil. 29 intérpretes e um país*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009, 198-211.
- Assmann 2010 J. Assmann, “Communicative and Cultural Memory”, in A. Erll - A. Nünning (Eds.), *A Companion to Cultural Memory Studies*, Berlin, Walter de Gruyter, 2010, 109-118.

- Bhabha 1998 H. Bhabha, *O local da cultura*, Belo Horizonte, UFMG, 1998 (*The Location of Culture*, Routledge, 1994).
- Bourdieu 1989 P. Bourdieu, *O poder simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989 (*Le pouvoir symbolique*, Annales, 1977).
- Bourdieu 2007 P. Bourdieu, *A distinção*, Porto Alegre, Zouk, 2007 (*La distinction. Critique sociale du jugement*, Éditions de Minuit, 1977).
- Castelo 1998 C. Castelo, *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Porto, Afrontamento, 1998.
- Feijó 2015 G.V. Feijó, “Identidades e alteridades em narrativas de brasileiros e brasileiras na Alemanha e em Portugal”, in *Actas del VIII Congreso sobre Migraciones Internacionales en España*, Granada, Instituto de Migraciones, 2015, S31/42-S31/52.
- Gomes 2011 M.S. Gomes, “Mulheres Brasileiras em Portugal e imaginários sociais. Uma revisão crítica da literatura”, *CIES e-Working Papers* 106 (2011). Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/2949>. Acesso em novembro de 2018.
- Machado 2006 I.J. de R. Machado, *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*, São Carlos, Edufscar, 2006.
- Malheiros 2007 J.M. Malheiros, *Imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI, 2007.
- Padilla 2010 B. Padilla, “Gênero e migrações. O que sugere o estudo das imigrantes brasileiras em Portugal”, in *Atas do 1.º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2010, 23.
- Padilla - Fernandes - Gomes 2010 B. Padilla - G. Fernandes - M.S. Gomes, “Ser brasileira em Portugal. Imigração, gênero e colonialidade”, in *Atas do 1.º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2010, 113-120.
- Pontes 2006 L. Pontes, “Mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa”, in I.J. de R. Machado, *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*, São Carlos, Edufscar, 2006, 251-274.
- Rezende 2009 C.B. Rezende, *Retratos do estrangeiro. Identidade brasileira, subjetividade e emoção*, Rio de Janeiro, FGV, 2009.
- Vianna 2000 H. Vianna, “Equilíbrio de Antagonismos”, *Folha de São Paulo, Caderno Mais!* (2000), 21-22.

